



MOTIVAÇÃO DE ALUNOS NO ENSINO REMOTO: UM OLHAR REFLEXIVO A PARTIR DA REGÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Milena Sávio Pastorini Paz (milena.pastorini2016@gmail.com)
Leticia Lodi Woicheowski (leticialodiwoicheowski@gmail.com)
Lúcia Ana Camera (cameralu@seed.pr.gov.br)
Bárbara Grace Tobaldini de Lima (barbara.lima@uffs.edu.br)

Eixo temático 1. Experiências e Práticas Pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

Em decorrência da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), muitos foram os desafios que tivemos de enfrentar: cuidar de si e de quem amamos, fazer o uso de máscara, a higienização das mãos e manter o isolamento social, evitando aglomerações. Além disso, tivemos de nos adaptar a uma nova metodologia de ensino, e essa adaptação forçada exigiu muita resiliência. A educação, antes presencial, passa agora para o meio virtual, e nela é muito importante que haja interação ativa entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, isto é, educandos, educadores, o meio e os materiais didáticos (PADILHA e SELVERO, 2012).

Embora a EaD – Educação a Distância -, seja uma realidade muito conhecida e utilizada, essa não era a nossa realidade. Não imaginávamos e nem estávamos preparados para, de um dia para o outro, estarmos aprendendo e ensinando por meio das tecnologias digitais em rede (PIMENTEL e ARAUJO, 2020). No início, muitas eram as preocupações quanto à forma convencional de ministrar aulas e qual a metodologia a ser escolhida. Quais abordagens pedagógicas empregar? Quais recursos tecnológicos utilizar? Como avaliar?

A ausência de interação, câmeras e microfones fechados e a falta de motivação foram dificuldades que encontradas no ensino remoto (modalidade adotada em muitas instituições de ensino em razão da pandemia), o que nos leva a discutir e refletir sobre ideias que apontem para melhorias no ensino em meio a uma crise sanitária.

Com a intenção de relatar essas inquietações pertinentes nas aulas online, principalmente durante o período de inserção na escola, a experiência aqui problematizada apresenta as reflexões acerca da etapa de regência no mês de dezembro de 2020 em uma escola estadual da rede pública do Paraná.

É preciso fazer menção à realidade da escola trabalhada, a qual se insere em uma cidade do interior do sudoeste paranaense e se localiza na periferia do município. O público atendido pelo colégio é composto por estudantes da zona urbana e rural, em sua maioria de classe média baixa, filhos de trabalhadores industriais, pequenos comerciantes e agricultores familiares.

Um dos problemas identificados nos momentos de observação das aulas foi a baixa adesão ao ensino remoto online, pois eram poucos os alunos com acesso pleno à internet e alguns desses não ingressavam nas aulas online, outros pouco participavam. Essa ausência e o silenciamento motivou a escrita do presente relato de experiência.



2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

O primeiro período de regência coincidiu com o final do ano letivo (2020). Na ocasião nosso desafio foi planejar e desenvolver atividades tanto para as aulas síncronas, que aconteciam via Google Meet, quanto para as atividades impressas, destinadas aos educandos que não tinham acesso à internet. Essas atividades foram pensadas no contexto do projeto “Se liga, é hora de aprender mais!”, que consistia na revisão dos conteúdos que os alunos mais apresentavam dificuldades ao longo do ano letivo.

Por se tratar de conteúdos de diversos momentos do ano, a abordagem, mais do que nunca, precisou ser interdisciplinar. Para tanto, trabalhamos os conteúdos de Atmosfera e Hidrosfera; Elementos químicos, Substâncias e Misturas; e Sistema nervoso, de forma coletiva e subdividida em duas duplas e um trio de residentes, conforme o conteúdo. O intuito da sequência didática foi associar todos esses assuntos com um tema central: Rinite alérgica, e, posteriormente, ministrar aulas para três turmas de 6º ano do ensino fundamental (6º ano B, C e D), que se reuniam sincronicamente no mesmo dia.

Aulas planejadas e mãos suadas. A tensão comum de entrar em sala de aula se potencializou com o novo contexto, uma sala de aula virtual. Nos organizamos e nos reunimos com antecedência, aguardando a chegada virtual dos educandos.

Nos minutos que antecedem o início da aula propriamente dito, uma das alunas diz: “Professora, se eu ficar off-line, é porque tive que sair de casa.” Dessa situação, surgiu a reflexão: “Seria falta de comprometimento com o horário da aula? Por que os alunos não reservam o momento que estariam obrigatoriamente na escola para estudar? Isso seria um julgamento sem saber a justificativa da saída?”

Quando a aula começou, conduzida pela primeira dupla, ficou evidente que os estudantes não estavam muito participativos. Chegado o nosso momento de conduzir a aula, tínhamos os cinco alunos presentes. Empolgadas, demos continuidade à discussão, buscando a participação e interação através de situações-problemas. No entanto, com o passar do tempo o silêncio se fazia mais forte, e agora já não eram mais cinco educandos, apenas uma estudante permanecia.

Seguimos a aula, que estava sendo gravada, buscando a participação desta única aluna, ainda tímida, mas que prestava atenção e se mostrava interessada, mesmo que eram perceptíveis algumas lacunas no conhecimento.

Ao final da aula, saímos sabendo que nosso trabalho havia sido feito, com qualidade e dedicação, porém ficamos frustradas. Esperávamos o típico 6º ano cheio, inquieto, ativo e muito falante, e nos deparamos com uma turma esvaziada, com baixa participação e calada.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A escolha de escrever sobre a motivação nos fez refletir sobre o que vivenciamos na regência e nas dificuldades encontradas no ensino online, que se mostra como um desafio gigantesco a ser transposto por alunos e professores.

Mesmo sendo uma discussão antiga, o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) ainda não era - e talvez ainda não seja totalmente - familiar, seja para discentes ou docentes. O uso desses recursos é sim comum, mas está mais voltado para questões de entretenimento e não em suas potencialidades para a aprendizagem (CASTAMAN e RODRIGUES, 2020). Fora de sua zona de conforto, alunos se sentem constrangidos de abrirem suas câmeras e falar ao microfone. São novos ambientes e novos receios. A baixa participação e o contexto vivido podem



minar a motivação dos estudantes, fazendo com que o seu aproveitamento seja diminuído.

Segundo Bock (1999 apud PADILHA e SELVERO, 2012), a motivação é um tema muito complexo e de grande importância para o ensino e a aprendizagem, o qual pode ser considerado como um aspecto dinâmico da ação, no sentido de que impulsiona o sujeito a ir em busca de seus objetivos.

Como bem pontuam Padilha e Selvero (2012), a motivação pode ser considerada como um anseio consciente de modificar, de explorar e de experimentar, na qual o aluno é quem decide o que e como fazer. Com isso, percebemos que estar motivado em estudar tem um papel diferencial no processo de ensino e aprendizagem, de maneira que a motivação pode ser vista como o desejo consciente de modificar, de explorar e de experimentar, mudar comportamentos e, por consequência, construir seu conhecimento.

De acordo com Boruchovitch e Bzuneck (2009, p.11 apud PADILHA e SELVERO, 2012), a motivação do educando “está relacionada com o trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula”, de modo que incentiva qualidade no envolvimento e no investimento pessoal para o ensino. Logo, não se trata apenas de interesse, há um lugar onde a motivação une cognição e afeto, e ambos corroboram no desenvolvimento integral do indivíduo.

A motivação leva o educando/educador a perseverar, a se esforçar, porque é capaz de incentivar o interesse para o estudo, a participação nas aulas, a construção do conhecimento. Desse modo, podemos considerar a motivação como um fator essencial para que haja uma aprendizagem mais significativa, pois não é possível aprender sem desejar fazer isso, logo sem estar motivado. O aluno está motivado quando sente a necessidade e o desejo de aprender o que está sendo ensinado (PADILHA e SELVERO, 2012).

Nesse ponto podemos chegar a uma pergunta: Por que os alunos não estão motivados? E aqui é necessário considerar o contexto histórico vivenciado, uma pandemia que mudou nosso estilo de vida, de relações interpessoais, que arrasou famílias e todos os sentidos possíveis, um fator que pode gerar um desestímulo para a aprendizagem. Contudo, não podemos desconsiderar que essa problemática precedia a pandemia. Era, na realidade, o cotidiano escolar.

Se a motivação é um desejo interno do sujeito, como pontuam Padilha e Selvero (2012), devemos adicionar a essa equação um importante fator: a autonomia. Conceito esse que Dozena (2008), ao escrever sobre indisciplina, retrata como um “mecanismo complexo por envolver uma postura responsável dos alunos”, isto é, uma decisão consciente do aluno em fazer ou não fazer, participar ou não participar.

Fruto de um incessante ciclo vicioso da educação bancária, nós - alunos - estamos acostumados ao papel de expectador do conhecimento. Passivamente aguardamos uma exposição, retemos um tanto de informações e cumprimos nossa carga horária - esta que também foi nos ditada como obrigatória. Se nesse espetáculo, que é a construção do conhecimento, apenas aguardamos sentados um monólogo, não atuamos. E se não me compreendo como sujeito e ator principal dessa peça, como vou estar motivado? A autonomia pode trazer sobriedade para se compreender o que está sendo vivido, para ter em mente “o que é”, “o como fazer” e “o porquê fazer”.

E de quem é a responsabilidade do desenvolvimento da autonomia? O desenvolvimento da autonomia é, em muitos níveis, uma responsabilidade individual, mas sendo o ser humano sujeito que nasce dependente de tudo, a autonomia precisa ser ensinada, estimulada e desenvolvida.

Dozena (2008) compreende que a educação deve promover a autonomia, tendo



em vista que educação não se restringe apenas aos limites físicos da escola, de modo que são muitos os outros responsáveis nessa promoção, sem excluir o importante papel do professor na colaboração para a construção desse ser autônomo.

O professor além de influenciar o estudante a conhecer e desenvolver seus conhecimentos, habilidades e atitudes, pode também, de acordo com Huertas (2001 apud KNÜPPE, 2006), contribuir na construção por parte deles no processo de formação, isto é, o professor ser mediador e se colocar com um incentivador da autonomia e aprendizagem, o qual colabora ativamente para que seus educandos consigam alcançar seus objetivos e desenvolvam a motivação da aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há sombra de dúvida da necessidade de um alinhamento de expectativas, haja visto que ansiamos por uma sala de aula presencial e em condições anteriores ao cenário pandêmico. No entanto, iríamos lidar com a realidade do ensino remoto, com todas as suas complexidades, vivendo em um país de instabilidade sanitária, que revelou ainda mais, segundo Fabris e Pozzobon (2020), a gritante desigualdade social e digital que vivemos: muitos dos alunos que estávamos esperando não tinham sequer como acessar a aula.

O que notamos é que o momento pandêmico só revela e escancara as problemáticas que já enfrentamos na sociedade e, é claro, também na escola, seja na falta de recursos, seja na falta de motivação.

A grande questão é o que motiva a falta de motivação? Se é consenso popular que estudar é importante, que a educação promove transformações sociais, por que nossos alunos se mostram pouco interessados?

Se compreendemos a motivação como algo interno do sujeito, é primeiro necessário nos compreendermos como sujeitos. Este entendimento é promovido pela autonomia, conceito que não é recente, mas que ainda não ocorre plenamente nos ambientes escolares.

Sem a menor intenção de esgotar o assunto, pensamos que seja necessário trabalhar a motivação pessoal dos estudantes. Com propostas intencionais para demonstrar a importância do conhecimento, da autorresponsabilidade e da escola, não como único lugar de se aprender, mas como um espaço destinado à educação de qualidade, essa que é direito básico de todos dos cidadãos.

5. REFERÊNCIAS

CASTAMAN, Ana Sara; RODRIGUES, Ricardo Antonio. Educação a Distância na crise COVID-19: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. e180963699-e180963699, 2020.

DOZENA, Alessandro. Uma breve análise sobre a postura dos alunos em sala de aula: pontos de vista sobre a indisciplina. **Geografia**, v. 17, n. 2, p. 111-121, 2008.

FABRIS, Elí Terezinha Henn; POZZOBON, Marta Cristina Cezar. Os desafios da docência em tempos de pandemia de covid-19: um “soco” na formação de professores. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 2, p. 233-236, 2020.



KNÜPPE, Luciane. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. **Educar em Revista**, v. 22, n. 27, p. 277-290, 2006.

PADILHA, Emanuele Coimbra; SELVERO, Caroline Mitidieri. A importância da motivação no ensino a distância (EaD). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS, 2012, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: UNIFRA, 2012.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. **Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante!** SBC Horizontes, maio 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online>>. Acesso em: 05 jul. 2021.